

## NA MISSA DE 7º DIA

Dom Irineu Penna OSB

Aqui estamos oferecendo o sacrifício da missa no 7º dia do nascimento de Gládstone para a verdadeira vida. Assim vemos a morte na nossa fé. Entrada no mundo pelo pecado de Adão, ela não estava nos planos divinos e foi vencida pelo Filho unigênito feito homem, novo Adão, morto e ressuscitado para nos salvar. Gládstone dizia às vezes, na sua humildade, que desejava ir para o Purgatório, ante-sala do céu para quem morre em Cristo. Teve-o aqui na terra, e por tudo o que sabemos dele, é-nos permitido pensar que foi imediatamente acolhido por Deus na felicidade eterna a que o convidava, dizia ele, sua bem-amada Cordélia, esposa por toda a vida.

Se desde os mais remotos tempos os cristãos celebravam missas pelos seus defuntos afirmando assim a sua fé no Purgatório, também é verdade que qualquer missa, na misteriosa contabilidade celeste, favorece a todos os fiéis, vivos e defuntos. Esta que estamos celebrando, deve trazer graças para todos nós, para Gládstone e todos os defuntos. Pois a missa é o mesmo sacrifício do Calvário, em forma sacramental.

Ouvistes no Evangelho: “Esta é a vontade de meu Pai: quem vê o Filho e nele crê, tenha a vida eterna” (Jo 6, 40). Pouco antes, Jesus censurava seus ouvintes, alimentados com o pão milagrosamente multiplicado, mas não querendo perceber que *ele* era o pão vivo: “Mas eu vos disse isso porque me *vistes* e não *crestes*” (36). E em debate com os fariseus e publicanos (que o evangelista chama “judeus”, diz-lhes: “Quando levantardes o Filho do Homem, então sabereis que *eu sou*” (8, 28). Já nas vésperas da sua paixão, quando alguns “gregos” quiseram vê-lo e se dirigiram a Filipe (o nome não-judeu fazia-os supor que entendia a sua língua), Jesus, dizendo que era chegada a hora da glorificação do Filho do Homem, afirmava: “Se eu for elevado da terra, atrairei todos a mim”. Para que não nos enganemos, e evangelista explica: “Ele dizia isso significando de que morte ia morrer” (12, 30-32). Mas que é *ver* Jesus *elevado*? Ele mesmo no-lo dá a entender, identificando-se simbolicamente com aquela serpente de bronze de Num 21: “E assim como Moisés levantou a serpente no deserto, também é preciso que seja exaltado o Filho do Homem, para que todo aquele que nele crer, tenha a vida eterna. Olhar para aquela serpente salvava da morte os que tinham sido mordidos pelas serpentes venenosas.

Gládstone teve sempre os olhos voltados para o Crucificado. Pode dizer-se que foi a sua ocupação constante, a ponto de tomar até uma feição doentia

que foi o seu tormento nos últimos tempos. Mas no que tinha de autêntico, não pode deixar de ter sido a sua salvação. Como no poema de autor espanhol desconhecido que Manuel Bandeira traduziu para a nossa língua, Gládstone podia dizer:

Não me move, meus Deus, para querer-te,  
o céu que me hás um dia prometido;  
e nem me move o inferno tão temido,  
para deixar por isso de ofender-te.

Tu me moves, Senhor, move-me o ver-te  
cravado nessa cruz e escarnecido.  
Move-me no teu corpo tão ferido  
ver o suor de agonia que ele verte.

Move-me ao teu amor de tal maneira  
que a não haver o céu ainda te amara  
e a não haver o inferno te temera.

Nada me tens que dar porque te queira  
que se o que ousar esperar não esperara  
o mesmo que te quero te quisera.

Ouçamos, nós também, a mensagem de Gládstone. Que ele nos ensine a olhar de modo a *ver* a salvação.